

## Breves Observações sobre a *Edda* em Prosa

Dra. Patricia Pires Boulhosa  
Doutora em História da Escandinávia Medieval pela  
Universidade de Cambridge  
[boulhosa@btopenworld.com](mailto:boulhosa@btopenworld.com)

### Resumo

Este artigo é uma pequena contribuição para o estudo da mitologia escandinava medieval, e tem como objetivo estimular o conhecimento da obra islandesa *Edda* em prosa, através de breves observações sobre as análises acadêmicas tradicionais que a abordam como obra de um único autor.

Palavras-chave: Literatura Medieval, Islândia, Edda em prosa

### Abstract

This article is a small contribution to the study of mediaeval Scandinavian mythology. Its objective is to stimulate interest in the Icelandic Prose Edda, through brief observations about traditional academic analysis, which treats it as the work of a single author.

Keywords: Mediaeval Literature, Iceland, Prose Edda

I

A *Edda* em prosa é comumente chamada de *Snorra Edda*, “*Edda* de Snorri”, em referência ao político islandês do século XIII, Snorri Sturluson, a quem a obra é atribuída. A autoria de Snorri Sturluson, juntamente com o nome *Edda*, aparece em apenas um dos manuscritos medievais em que a obra foi escrita – o manuscrito DG 11 ou *Codex Upsaliensis* (U), c. 1300-1325. Como a maioria das obras medievais, a *Edda* em prosa também circulou anonimamente na Idade Média através de outros manuscritos, entre eles, GKS 2367 4º ou *Codex Regius* (R), c. 1300-1350 e AM 242 fol ou *Codex Wormianus* (W), c. 1350. Nesses três manuscritos, a *Edda* em prosa é apresentada com estruturas e formas diversas. No entanto, a maioria acadêmica ainda resiste ao conceito de “variabilidade” do texto medieval, na feliz expressão de Cerquiglini (1989), e a autoria de Snorri Sturluson é atualmente considerada como certa e indiscutível. Com a transferência de uma autoria fixa e imutável à obra medieval, estabelece-se a idéia do “texto original” – aquele escrito pelo punho do próprio autor, sem a intervenção de copistas desatentos ou criativos. E é a idéia do “texto original” que instrui a escolha, entre os manuscritos existentes, daquele cujo texto é a representação mais fiel do “texto original” (no caso da *Edda* em prosa, o manuscrito R). A partir daí, o editor moderno tem a liberdade para aceitar ou rejeitar formas gramaticais, palavras, expressões, e até partes inteiras de uma obra, sob o argumento de que são adições do copista à “obra original”.

Todas as edições modernas da *Edda* em prosa baseiam-se na idéia do “texto original” e nenhuma delas reflete o testemunho dos manuscritos medievais, que apresentam textos muito diferentes entre si. Portanto, a própria idéia de uma única *Edda* em prosa é uma construção moderna. Na forma preservada no manuscrito R acima mencionado, a *Edda* em prosa seria composta de um prólogo (que não aparece entitulado como tal em nenhum dos manuscritos, mas faz parte de *Gylfaginning*), *Gylfaginning*, *Skáldskaparmál* e *Háttatal*. Em W, *Háttatal* é separado das outras três partes e faz parte de um tratado sobre gramática e métrica, e em U está incorporado em um tratado sobre fonética e estrutura das sílabas. Além disso, o *Háttatal* em R contém dois poemas que não aparecem em W e U. A primeira página do manuscrito R está perdida, e o que restou do início do prólogo corresponde apenas à 5/13 do prólogo das edições modernas (Faulkes, 1999, xxix). No manuscrito W, o prólogo é mais longo do que em R e U, e esse material é considerado como interpolação ao “texto original” por conterem alusões às tradições clássicas e bíblicas. No entanto, os prólogos de R e U também contém material das tradições clássicas e bíblicas, e, portanto, sua inclusão não pode ser considerada excepcional. O *Skáldskaparmál* e o *Háttatal* são substancialmente diferentes nos três manuscritos, embora seja difícil determinar a extensão dessas diferenças, pois os manuscritos W e U estão incompletos nessas partes.

As edições e estudos da *Edda* em prosa não só estão circunscritas pela idéia do “texto original”, mas também pela idéia do “autor original”: rejeita-se a multiplicidade dos textos e procura-se recriar o que Snorri Sturluson teria escrito e pensado. Comparam-se “versões” e pesquisam-se possíveis fontes, mas geralmente o objetivo é descobrir o que Snorri Sturluson teria lido e estudado. Felizmente, ao mesmo tempo em que esses estudos estão fixados com (e pela) idéia da autoria de Snorri Sturluson, a natureza e a estrutura mitológica da *Edda* em prosa não a subjuga demasiadamente ao autor, como, por exemplo, acontece com *Heimskringla*, uma coleção de sagas sobre os reis noruegues cuja autoria é também atribuída à Snorri Sturluson. No caso de

*Heimskringla*, a vida política e pessoal de Snorri influencia a própria interpretação dos episódios narrados, além da escolha temática e do uso de fontes.

Tradicionalmente, as quatro partes – prólogo, *Gylfaginning*, *Skáldskaparmál* e *Háttatal* – são analisadas como o projeto pessoal de Snorri Sturluson de produzir um manual de instrução sobre a arte poética. Mas há estudos que se propõem a analisá-las a partir do contexto do manuscrito onde estão inseridas (Klingenberg 1974; Tranter, 2000). Essa tendência ganha impulso com o desenvolvimento de teorias sobre a cultura manuscrita da Idade Média (Bruns, 1982; Minnis, 1988; Cerquiglini, 1989; Nichols, 1990). Desta forma, ainda que o texto seja considerado produto de um único autor, também se consideram as escolhas do compilador, como o número de textos selecionados e a organização física desses no manuscrito.

## II

A *Edda Menor* é um *prosimetrum* de caráter didático. Muito comum na literatura medieval, é *artes poeticae*, um manual de técnicas de composição da poesia escandinava. Sua intenção pedagógica parece indicar que foi composta com o objetivo de preservar a antiga arte poética em face de novos modismos literários. Juntos, o *Skáldskaparmál* e o *Háttatal* constituem a *artes poeticae*, que, no entanto, restariam incompreensíveis sem o conhecimento aprofundado da mitologia que suscitam: esse conhecimento é oferecido em *Gylfaginning*.

O prólogo de *Gylfaginning* (que alguns estudiosos afirmam não fazer parte da “obra original” – cf. Faulknes, 1993) faz parte de uma sólida tradição cristã que procura integrar os deuses “pagãos” à história da humanidade, e explica que os deuses nórdicos eram antigos mágicos vindos de Tróia, que se estabeleceram na Escandinávia em tempos ancestrais. Essa tradição medieval desenvolveu-se da teoria de Euhemeros (c. 316 AC), que propunha que os deuses da mitologia grega eram homens e mulheres deificados. Embora várias influências literárias, de Euhemeros ao Terceiro Mitógrafo do Vaticano (século XII), possam ser discernidas no prólogo, nenhuma obra pode ser individualmente apontada como responsável pela versão sincretista e positiva das tradições “pagãs” que apresenta (Dronke, 1977).

*Gylfaginning*, “O Embuste de Gylfi”, é um diálogo entre o rei Gylfi e os deuses escandinavos sobre questões cosmológicas e cosmogônicas. Inicia-se com a estória de Gefjun, uma deusa da raça dos Æsir, que rouba uma grande porção de terra do rei Gylfi. Espantado com a astúcia de Gefjun, o rei Gylfi, sob o nome de Gangleri e disfarçado de velho caminhante, viaja até a morada dos deuses, Ásgarðr, para indagar sobre a início do mundo e a natureza dos deuses. Porém, os deuses conseguem ver que Gylfi está a caminho e armam-lhe um embuste.

O *Gylfaginning* oferece uma interpretação dos séculos XIII-XIV dos mitos nórdicos, e, portanto, não pode ser considerado como uma representação cabal da mitologia nórdica. Essa interpretação utiliza-se de vários elementos das tradições cosmogônicas e mitológicas encontrados nos poemas da *Edda Poética* e, dispersamente, na literatura islandesa em prosa. Mesmo a *Edda Poética*, no entanto, não apresenta um sistema mitológico único e coerente (McKinnell, 1994), nem ficou imune à influências clássicas e cristãs (Beck, 1992; Holander, 1927), e, por isso, os estudos que objetivam estabelecer o que é “influência cristã” e o que é “paganismo original” envolvem,

forçosamente, a escolha de uma tradição em detrimento de outras, com resultados muitas vezes insatisfatórios. Muitas passagens em *Gylfaginning* podem ser interpretadas como sincretismo cristão; por outro lado, não é impossível que muitos elementos que pareçam sincréticos, pertençam à mitologia nórdica.

O *Skáldskaparmál*, “Dicção Poética”, é apresentado sob a forma de diálogo entre Ægir e Bragi. Como em *Gylfaginning*, Ægir parte a caminho de Ásgarðr. Mas Ægir é um habilidoso mágico, e quando os deuses percebem que está a caminho, preparam-lhe uma grande recepção. É durante essa recepção que se desenrola o diálogo sobre a arte poética entre Ægir e Bragi. Embora seja possível discernir algumas fontes gregas e latinas como inspiradoras do *Skáldskaparmál*, é provável que o autor islandês não tivesse conhecimento direto das fontes clássicas (Faulkes, 1993).

Um dos objetivos de *Skáldskaparmál* é recensar e elucidar os sinônimos e metáforas (*heiti* e *kenningar*) característicos da arte poética. Segundo a tradição poética escandinava, os poetas não nomeiam os seres e coisas pelos seus nomes, que devem ser substituídos por “sinônimos” (*heiti*) ou metáforas (*kenningar*). Esses sinônimos e metáforas, por sua vez, originam da mitologia escandinava que, em parte, encontram-se narradas no *Gylfaginning*. Por exemplo, consta que o deus Óðinn, a fim de receber sabedoria e dom poético, ficou suspenso de cabeça para baixo, por nove dias e nove noites, ferido por uma lança. Por isso, Óðinn pode ser chamado de “o deus dos enforcados”, “o senhor das forcas”, ou “o fardo da forca”, mas também, “senhor da lança”. Um outro mito conta que Óðinn roubou o hidromel que conferia sabedoria e dom poético. Em consequência, a poesia pode ser chamada de “hidromel de Óðinn”. No *Skáldskaparmál*, *heiti* e *kenningar* são exemplificados através de versos atribuídos a poetas islandeses e noruegueses dos séculos IX e X (poesia “skaldica”).

O *Háttatal*, “Lista de Métricas”, é composto de 102 estrofes, redigidas em cem métricas diferentes com o objetivo de exemplificar a grande variedade dos versos correntes. Essas estrofes são acompanhadas de comentários que evidenciam as características individuais de cada forma métrica. É importante observar que a sistematização da linguagem poética apresentada no início de *Háttatal* difere daquela encontrada em *Skáldskaparmál*, e existem diferenças entre certas definições teóricas (Faulkes, 1999, xi). Essas diferenças são explicadas através da hipótese de que Snorri Sturluson teria dispendido vários anos para concluir sua obra, mudando de idéia e método com o correr do tempo. Porém, como visto acima, os manuscritos medievais são testemunhas de uma diversidade de textos que reflete a diversidade de tradições literárias e mitológicas/religiosas, e uma investigação sobre as diferenças textuais e estruturais desses textos proporcionaria um melhor entendimento dessas tradições do que as explicações oriundas da biografia de Snorri Sturluson.

### III

A diversidade dos textos da *Edda* em prosa também não é considerada quando se procura estabelecer uma data para os poemas e tradições abordados. O problema de datação e origem do texto e do conteúdo mitológico da *Edda* em prosa é partilhado por todos os textos mitológicos em prosa e verso da literatura escandinava medieval, e o que mais produziu acirradas disputas acadêmicas (para um resumo: See, 1981). De fato, grande parte dos estudos de mitologia escandinava concentra-se na possibilidade de discernir nos textos existentes entre matérias mitológicas que têm origem pré-Cristã e

aquelas que não têm. Estudos filológicos da poesia dos *skáld* (“poetas”, principalmente das cortes escandinavas) têm contribuído para a datação dos poemas “eddicos”, bem como para a datação de certos temas mitológicos. A visão corrente é que a poesia eddica, aliada aos mais antigos versos da poesia “skaldica” do século IX, proporcionam a melhor “pista” sobre o pensamento religioso dos antigos escandinavos (Dronke 1992).

Mas, para que a busca por vestígios do pensamento religioso escandinavo tenha sucesso, é necessário que se reconheça a pluralidade de tradições religiosas e mitológicas. Há que se deixar de lado a idéia de que os textos medievais estejam fundamentados por um sistema religioso coerente e unificador e que, portanto, devem refletir uma única tradição. De fato, a própria evidência arqueológica indica que os cultos e práticas “pagãos” faziam parte integral da vida dos escandinavos, e que a idéia de “religião pagã” que usamos é mais reveladora de nosso conceito de religião do que das crenças e práticas dos escandinavos pré-cristãos (Anderson, 1999, 82). A experiência religiosa dos escandinavos pré-cristãos era parte indivisível da vida social, e não se coaduna com a idéia de uma religião fixa e imutável.

O caminho aberto pelas novas teorias sobre o texto medieval promete reaquecer as pesquisas dos textos medievais escandinavos em geral. Espera-se que as questões de origem, autoria, transmissão e datação dos textos e manuscritos sejam abordadas sob uma perspectiva mais ampla de produção literária medieval. No caso da *Edda* em prosa, esses estudos possibilitarão o questionamento de sua autoria e estrutura, bem como da própria definição do que atualmente chamamos de *Edda* em prosa e das tradições mitológicas e poéticas que preservam.

## Bibliografia

- ANDERSON, Carl Edlund. *Formation and Resolution of Ideological Contrast in the Early History of Scandinavia*. Tese de doutorado. Universidade de Cambridge, Reino Unido, 1999
- BECK, Heinrich, et al (org.) *Germanische Religionsgeschichte – Quellen und Quellenprobleme*. Berlin: de Gruyter, 1992
- BRUNS, Gerald L. *Inventions: Writing, Textuality, and Understanding in Literary History*. New Haven: Yale University Press, 1982
- CERQUIGLINI, Bernard. *Éloge de la variante: histoire critique de la philologie*. Paris: Seuil, 1989.
- DRONKE, Ursula, e DRONKE, Peter. “The Prologue of the Prose *Edda*: explorations of a Latin background”. IN *Sjöttú ritgerðir helgaðar Jakobi Benediktssyni 20. júlí 1977*. 2 vols. Reykjavík: Stofnun Árna Magnússonar á Íslandi, 1977, I, pp. 153-176.
- \_\_\_\_\_. “Eddic poetry as a source for the history of Germanic religion”. IN *Germanische Religionsgeschichte – Quellen und Quellenprobleme*. Berlin: de Gruyter, 1992, pp. 656-84
- FAULKES, Anthony. “The Sources of *Skáldskaparmál*: Snorri's Intellectual Background”. IN *Snorri Sturluson: Kolloquium anlässlich der 750. Wiederkehr seines Todestages*. Tübingen: Narr, 1993, pp. 59-76.
- \_\_\_\_\_. (ed.) *Edda – Háttatal*. London: University College London, 1999
- \_\_\_\_\_. (ed.) *Edda – Gylfaginning*. London: University College London, 1988
- HOLLANDER, Lee M. “Were the Mythological Poems of the *Edda* Composed in the Pre-Christian Era?”. *Journal of English and Germanic Philology*, 26 (1927): 96-

- KLINGENBERG, Heinz. *Edda – Sammlung und Dichtung*. Basel: Helbing & Lichtenhahn, 1974
- MCKINNELL, John. *Both One and Many: Essays on Change and Variety in Late Norse Heathenism*. Roma: Il Calamo, 1994
- MINNIS, A. J. *Medieval Theory of Authorship: Scholastic Literary Attitudes in the Later Middle Ages*, 2 ed. Aldershot: Wildwood House, 1988
- NICHOLS, Stephen G. 'Introduction – Philology in a Manuscript Culture', *Speculum*, 65 (1990): 1-10
- SEE, Klaus von. *Edda, Saga, Skaldendichtung : Aufsätze zur skandinavischen Literatur des Mittelalters*. Heidelberg: Winter, 1981
- TRANTER, Stephen. "Medieval Icelandic *artes poeticae*". IN *Old Icelandic Literature and Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000